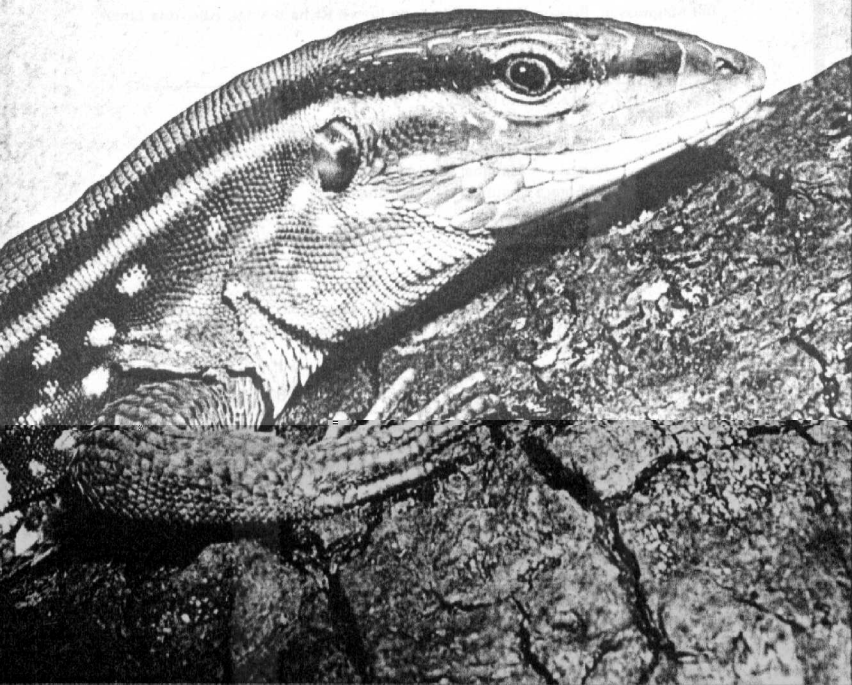




# História Natural, Ecologia e

Conservação de Algumas Espécies de Plantas e Animais da Amazônia

RENATO CINTRA - COORDENADOR



Copyright © 2004 Universidade Federal do Amazonas  
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

EDITOR

Renan Freitas Pinto (UFAM)  
George Henrique Rabelo (INPA)

EDITORES-ADJUNTOS

Antonio Carlos Webber  
Augusto Loureiro Henriques

EDITORAÇÃO GRÁFICA (MIOLO)  
Verushka Moraes

REVISÃO

Ana Paula Freire e Augusto Henriques

CAPA

Wilson Prata

FOTOS DA CAPA

Bill Magnusson, Robson Kzaban, Fernando Rosas, Richard Vogt, Albertina Lima

---

Catálogo na Fonte

---

Cintra, Renato (coord.)

História Natural, Ecologia e Conservação de algumas  
espécies de Plantas e Animais da Amazônia / Renato Cintra  
(coord.). - Manaus: EDUA/INPA/FAPEAM, 2004. (Série:  
Biblioteca Científica da Amazônia)

330 p.: Il. 21cm

ISBN 85-7401-068-5

1. História Natural 2. Ecologia - Amazônia 3. Conservação  
de Plantas - Amazônia 4. Conservação de animais - Amazônia  
I. Título

CDD 500

CDU 502 502.7

---

EDUA

Ed. da Universidade Federal do Amazonas  
Rua Monsenhor Coutinho, n. 724 - Centro  
Fone: (0xx92) 231-1139  
CEP 69.011-110 Manaus/AM  
www.edua.fua.br e-mail: [edua@fua.br](mailto:edua@fua.br)

INPA - Setor de Editoração

Av. André Araújo, 2936 - Caixa Postal 478  
Cep : 69060-001 Manaus - AM, Brasil  
Te : 55 (92) 642-3438 Fax : 55 (92) 643-3223  
www.inpa.gov.br e-mail: [editora@inpa.gov.br](mailto:editora@inpa.gov.br)

Esta obra foi publicada com o apoio financeiro da:

FAPEAM

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas  
Rua Recife, n.3.280 - Parque Dez  
Fone: (0xx92) 634-3389  
CEP 69.057-002 Manaus/AM  
www.fapeam.am.gov.br e-mail: [gabinet@fapeam.am.gov.br](mailto:gabinet@fapeam.am.gov.br)

## LONTRA, *LONTRA LONGICAUDIS* (CARNIVORA: MUSTELIDAE)

Fernando C. Weber Rosas

A lontra (*Lontra longicaudis*), como a ariranha (*Pteronura brasiliensis*), é um membro da subfamília Lutrinae. O peso máximo registrado para a espécie é de 14,75kg, e o comprimento total varia entre 0,8 e 1,3m (EMMONS, 1990), sendo os machos adultos um terço maiores que as fêmeas (DUPLAIX, 1980). O comprimento total de um macho adulto criado em cativeiro no INPA foi de 1,42m. Os pêlos de cobertura, ou guarda, são bem mais longos que a camada inferior de pêlos. A pelagem é marrom escura com a região ventral mais clara, principalmente no queixo e na garganta. Esta coloração clara, porém, é bem menos definida do que na ariranha. O focinho é desprovido de pêlos em sua extremidade e apresenta vibrissas longas e finas que ajudam na detecção de peixes (FOSTER-TURLEY et al., 1990). A cauda é levemente achatada dorso-ventralmente, e as patas apresentam um ligação interdigital não extensiva às unhas (DUPLAIX, 1980).

*L. longicaudis* distribui-se em toda a América Central e do Sul, desde o sul do México até a Argentina central, com exceção do Chile. No Brasil, as lontras estão amplamente distribuídas. Sua presença está confirmada para a Amazônia, Pantanal, alguns rios do litoral norte do Brasil e regiões costeiras e águas interiores do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul. A espécie é considerada insuficientemente conhecida pela IUCN (2000) e está listada no Apêndice I (espécies ameaçadas de extinção) da CITES (SCHOUTEN, 1992). No Brasil é considerada ameaçada de extinção pelo IBAMA (BERNARDES et al., 1990).

É encontrada em praticamente todos os ambientes aquáticos, desde igarapés, rios e lagos, até pântanos, banhados, canais de irrigação para plantações de arroz e cana de açúcar, e litorais marinhos associados com lagunas de água doce (CARTER; ROSAS, 1994). A dieta é bem mais variada do que a da ariranha, consumindo principalmente peixes, caranguejos e camarões, além de anfíbios e ocasionalmente aves aquáticas e pequenos roedores (SCHWEIZER, 1992).

De acordo com Husson (1978), as lontras são crepusculares ou noturnas, podendo ser vistas durante o dia em áreas remotas. É um animal

silencioso e tímido, sendo portanto pouco visto em seu ambiente natural. Por esta razão, os melhores indicadores de sua presença em uma determinada área são as marcas das patas e as fezes, que geralmente são depositadas em cima de troncos ou pedras nas margens dos rios ou igarapés. A lontra aparentemente não forma casais estáveis e acredita-se que seja um animal essencialmente solitário nos seus hábitos (SCHWEIZER, 1992). O repertório vocal é bem mais limitado que o da ariranha. Possuem áreas de residência bem definidas, cujos tamanhos podem variar desde algumas centenas de metros até mais de 40 km, dependendo dos recursos disponíveis no ambiente e do tamanho da população de lontras no local. Na Amazônia, a lontra aparentemente não cava tocas nos barrancos, mas pode utilizar tocas abandonadas por ariranhas, ou utilizar abrigos entre raízes de árvores tombadas (obs. pess.), ou ainda entre pedras às margens do rio (SCHWEIZER, 1992). Em algumas áreas, especialmente na Amazônia, Pantanal e Suriname, a lontra convive em simpatria com a ariranha. A competição entre as duas espécies não ocorre devido às diferenças nas preferências de microhabitat, tamanho e variedade das presas, e períodos de atividades principais (DUPLAIX, 1980; CARTER; ROSAS, 1997).

A reprodução da espécie tem sido pouco estudada. Somente um nascimento foi registrado na natureza, aproximadamente em abril, e filhotes têm sido observados com seus pais no Pantanal entre agosto e outubro (SCHWEIZER, 1992), embora animais jovens sejam observados ao longo de todo o ano, sugerindo não haver uma estação reprodutiva muito definida no Pantanal (SCHWEIZER, 1992). Duplaix (1980) sugere que a maioria dos nascimentos ocorra na estação seca, o que do ponto de vista energético torna esta hipótese bastante provável. Durante essa estação os recursos alimentares ficam restritos a corpos d'água menores, resultando em maior sucesso de captura por parte das lontras, que desta forma poderão repôr a demanda energética da gestação e lactação. Baseado em observações do gênero *Lontra*, ninhadas de cerca de dois filhotes são prováveis. O período de gestação é desconhecido para *L. longicaudis*.

A principal ameaça à espécie é a caça, visando sua pele valiosa. Entre 1959 e 1972, 113.718 peles de lontra foram exportadas somente da Amazônia peruana (SMITH, 1981). Com a diminuição das populações de ariranhas a partir dos anos 70, a caça voltou-se mais intensamente para as lontras (DUARTE; REBELO, 1985). A extensão atual da caça ilegal é difícil de ser estimada, mas parece ter diminuído sensivelmente. A espécie também é considerada um...

incômodo pelos pescadores e aquicultores, principalmente do sul do Brasil, devido ao comportamento adquirido de predação de peixes em tanques de aquicultura e ocasionalmente danificar redes de pesca.

A destruição e alteração de habitat causadas pelo desmatamento, especialmente ao longo dos rios, a alteração dos cursos de água para irrigação e controle de inundações, e o aumento de populações humanas em áreas anteriormente virgens, também ameaçam as lontras. Da mesma forma que para os demais animais aquáticos, a contaminação das águas por mercúrio, pesticidas e outros poluentes, são uma ameaça crescente.

## Agradecimentos

Ao Dr. Emygdio L. A. Monteiro-Filho pelos comentários e sugestões no manuscrito inicial.

## Referências

- BERNARDES, A. T.; MACHADO, A. B. M.; RYLANDS, A. B. *Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas para a Conservação da Diversidade Biológica, 1990, p. 62.
- CARTER, S. K.; ROSAS, F. C. W. *Mamíferos Aquáticos da Amazônia*. Manaus: INPA/Laboratório de Mamíferos Aquáticos, 1994. [Artigo de divulgação científica da Coordenadoria de Pesquisas em Biologia Aquática]
- CARTER, S. K.; ROSAS, F. C. W. Biology and conservation of the giant otter, *Pteronura brasiliensis*. *Mammal Review*, v. 27, n. 1, p. 1-26, 1997.
- DUARTE, J. C. S.; REBELO, G. H. Carnivore skins held in Brazil. *Traffic Bulletin*, v. 1, n. 7, p. 16-17, 1985.
- DUPLAIX, N. Observations on the ecology and behavior of the giant river otter *Pteronura brasiliensis* in Suriname. *Revue Ecologie, Tercet Vic*, n. 34, p. 495-621, 1980.
- EMMONS, L. H. *Neotropical Rainforest Mammals, A field guide*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1990.

FOSTER-TURLY, P.; MACDONALD, S.; MASON, C. (eds.) *Otters: An Action Plan for their Conservation*. Gland, Suíça: IUCN/Species Survival Commission, Otter Specialist Group, 1990.

HUSSON, A. M. *The mammals of Suriname*. Países Baixos: E. J. Brill, Leiden, 1978.

IUCN 2000. IUCN Red list of threatened animals. IUCN. Gland, Switzerland, xviii, p. 61. 1994a.

SCHOUTEN, K. *Checklist of CITES Fauna and Flora*. A Checklist of the animal and plant species covered by the Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora, revised edition. Amsterdam, Países Baixos, 1992.

SCHWEIZER, J. *Ariranhas no Pantanal*. Curitiba: Editora Brasil Natureza, 1992.

SMITH, N. J. H. Caimans, capybaras, otters, manatees, and man in Amazonia. *Biological Conservation*, n. 19, p. 177-187, 1981.